

sempre mal sucedida. O risco de adquirir uma convicção positiva de inferioridade (complexo de inferioridade) e, em do-
bro, aversão a todo e qualquer es-
tudo.

Lei de Predisposição

"Quando alguém está predisposi-
to a fazer alguma coisa, o facto
de fazê-la causa prazer e o de não
fazê-la, desprazer. Do mesmo mo-
do, si uma creança for obrigada
a fazer alguma coisa para a qual
não esteja predisposta, sentirá,
matematicamente, desprazer.

A predisposição, em psycholo-
gia educacional, resulta de uma
serie de factores, que, disse a pro-
fessora, porá em evidencia quan-
do tratar do "interesse". Hoje ocu-
par-se-á tão somente da impor-
tancia que têm no ensino os cha-
mados "motivos" ou "fins".

E' necessario, accrescente, que
a creança aprenda o uso que irá
fazer das noções que lhe são in-
culcadas. Nada aterrorará, tan-
to uma creança no aprendizado,
por exemplo, da leitura, do que
ouvir uma linda historia, lida por
outra creança.

Nas escolas americanas exis-
tem institutos varios: votados aos
fins de que estão tratando. Para
o ensino de arithmetica, ainda por
exemplo, os americanos montam
negocios, onde as creanças, que
são tambem os negociantes, com-
pram e vendem (lapis, papel, li-
vros, merenda, etc.) e deste mo-
do verificam — por si — a utili-
dade dos calculos.

Reedito as leis explicadas:

- 1.ª Predisposição. A predispo-
sição é necessaria no ensino e de-
ve ser procurada, com tacto pe-
los professores;
- 2.ª Exercício. A creança pre-
disposta deve praticar, efectiva-
mente, a reacção que se lhe de-
seja inculcar;

3.ª Satisfação. O ensino, na
escola, em todos os seus momen-
tos, deve causar satisfação ao
aluno.

Tudo o mundo vê que estas 3
leis estão intimamente concate-
nadas entre si. Constituição el-
las, tambem, o evangelho da pe-
dagogia moderna, preconizo, con-
cluiu a professora, seu estudo,
muito meditado, aos discentes des-
ta aula. Para base de suas inves-
tigações, recommendo-lhes os se-
guintes compendios:

Thorndike — Educational Psy-
chology, Briefer Course.

Gates, Arthur — Elementary
Psychology.

Kilpatrick — Education for a
Changing Civilization, fls. 97.

La Rue, Daniel — The Child's
Mind and the Common Bran-
ches

Reed, Homer — Psychology of
Elementary School Subjects.

The Chassroom Teacher — vol.
1.º fls. 202-320; volume 6.º, fls.
35-78.

Organização pedagogica

(AULAS DA PROFESSORA LUCIA
SCHMIDT MONTEIRO DE CASTRO)

Classificação dos alunos

E' necessario classificar nossos
alunos, para suavizar o traba-
lho da professora, para economi-
zar tempo e para maior effica-
cia do nosso ensino, — agru-
pando creanças mais ou menos
iguaes, de modo que as reacções e
influencias de umas sobre outras
sejam mais aproveitaveis. O nos-
so principal trabalho consideran-
do a verdadeira escola, é desco-
brir as differenças individuais, e
não proceder como si todas fos-
sem iguaes ou pudessem ser tra-
tadas igualmente. A professora
tem de reconhecer sua responsabi-
lidade de tratar cada creança co-

differenças fazem-se notar não só
na capacidade de aprender, na
cultura, como no esforço persis-
tencia e interesse com que parti-
cipam das actividades escolares.
Infalivelmente, notamos distin-
tamente os tres grupos de crea-
ças: o superior, o normal e o infe-
rior. A situação torna-se então dif-
ficil, por que o material precisa
ser tão flexivel a dar uma quanti-
dade de interesse, esforço e satis-
faccão proporcional á capacidade
de cada grupo, segundo a leis de
aprendizagem. Si ella se preocu-
pa, como geralmente acontece,
com aquelles de capacidade infe-
rior, está negando opportuni-
dades e por isso prejudicando o
desenvolvimento dos grupos nor-
mal e superior.

O necessario é então que se fa-
çam classes distintas: A, B, C,
correspondentes aos grupos supe-
rior, normal e inferior, no fim do
primeiro semestre. As classes as-
sim formadas são mais homoge-
neas, é incontestavel, mas a pro-
fessora precisa considerar que o
problema das differenças indivi-
duaes continuará sempre que hou-
ver um grupo ainda a classifi-
car, segundo tests intellectuaes
educativos, muito rigorosos. Ain-
da nesse caso, o nosso cuidado
precisa ser muito maior, porque
as nossas creanças são classifica-
das segundo um grupo de quali-
dades activas e ellas estarão con-
stantemente estimuladas a um es-
forço maior, com o fim de alcan-
çar a classe superior. Tambem o
grupo das classes nunca pode ser
definitivo, porque o ensino sendo
feito segundo o estudo das neces-
sidades individuais, as creanças
que se realçarem por uma capa-
cidade superior devem em qual-
quer época do anno ser promovi-
das a classe superior, resolvendo
assim o problema das creanças
superiores que são obrigadas, co-
mo sempre acontece, a fazer o
curso primario em quatro annos,
quando têm capacidade para fa-
zê-lo em menos tempo. Essa clas-

mo um individuo, estudar sua na-
tureza, conhecer seus interesses
e adaptar sua instrução ás suas
necessidades. Antigamente, a ida-
de chronologica e annos de estu-
do previo serviam de bases para
a classificação, mas a consequen-
cia disso não tem deixado de ma-
nifestar-se: casos constantes de
indisciplina, falias, indisposição
para o trabalho, pouco aproveitá-
mento, etc. Deve fazer parte do
trabalho da professora uma clas-
sificação de seus alumnos, ao me-
nos uma vez por semestre. Essa
classificação tem sido largamente
considerada em todas as escolas
progressivas europeas e america-
nas. O tipo de classificação va-
ria, mas a conclusão a que todos
têm chegado é que uma classifi-
cação baseada na observação e
feita definitivamente nunca dá resulta-
dos satisfactorios.

Agora, nas escolas americanas,
faz-se a classificação por meio dos
tests educativos e mentaes, appli-
cados logo á entrada das crean-
ças, e estas já são de uma vez,
matriculadas nas classes supe-
riores, normaes e inferiores. La
é possível tal classificação, porque
a psychologia infantil é já bastan-
te estudada e são innumeros os la-
boratorios que aperfeiçoam dia a
dia a adaptação dos tests. Mas o
nosso problema é differente. A
nossa classificação tem de ser fei-
ta exclusivamente para nós, para
servir ás nossas necessidades
actuaes:

Pode ser feita da maneira se-
guinte: a creança deve ser recebi-
da nas classes geraes, tendo as in-
formações tomadas no dia da ma-
tricula como: altura, peso, acui-
dade auditiva e visual e o histo-
rico de sua vida resumida nos da-
dos: idade chronologica em me-
zes, profissão dos paes, filia-
ção, numero de irmãos, doenças
graves previamente soffridas, si
não têm paes, de que morreram,
etc. Qualquer que seja o methodo
de ensino da professora, no fim
de alguns dias de aula, grandes

sificação abre novas possibilidades para a escola considerada como deve ser — flexível, adaptável às necessidades dos alunos.

Conquanto seja fácil expor tal solução, a sua prática reveste-se de serios problemas, que podem acarretar graves perigos para a educação elementar.

Assim: a creança, para ser promovida a um anno superior, precisa estar desenvolvida physica, intellectual e socialmente, porque a escola considera a eficiencia da educação sob esse triplice aspecto, e si por qualquer motivo a creança não manifestar esse conjunto satisfactorio, ella deve permanecer nessa mesma classe. Por outro lado, as creanças classificadas em A e B só poderão perder a promoção final por motivo de doença ou ausencia da escola por razões justificadas, porque do contrario a falta recae sobre a professora, como tendo feito uma classificação sem fundamento, ou como sendo o seu methodo de ensino deficiente.

A classe C, ás vezes, pode ser considerada com certa negligencia pela professora, que a julga inferior, justificando-se com as difficuldades de todas as especies que podem ali apparecer. Si essa classe fosse de debéis mentaes e organicos ou de defeituosos mesmo, assim não seria justificavel essa consideração, porque a professora não pode estabelecer um "standard" de educação snão para a sua classe, porque o seu objectivo só pode ser — melhorar e desenvolver ao maximo a capacidade dos individuos da sua classe.

No fim do anno, as classes do primeiro anno A, B e C serão promovidas ás A, B e C do segundo anno, podendo ser que por condições quaesquer, a classificação do anno anterior não possa corresponder do mesmo modo a do anno actual, ficando ahí a criterio da professora e da directora,

remover, para as classes superiores ou inferiores, as que julgar necessario.

Mas, só poderá isso ser feito seguindo uma convicção bem fundada, porque do contrario a creança perde o tempo e pode perder o estimulo.

Agora, supponhamos que uma creança do grupo C se manifeste com grande capacidade escolar. Ella deve ser examinada e experimentada segundo as normas de desenvolvimento do grupo superior, para melhor se certificarem da sua capacidade. Si for aprovada, deve então passar á classe B, e si continuar a desenvolver-se, já ultrapassando a capacidade normal de sua classe e com promessas de trabalhar efficientemente na classe A, também deve ahí ser collocada e então ser promovida ao segundo anno A, na promoção final.

Supponhamos, ainda, uma creança que, classificada em A, possa fazer bem seu programma de primeiro anno e passar ao segundo. E' natural que a differença entre o primeiro anno A e o segundo A seja bem grande e que uma creança mesmo superior não a possa vencer sem um esforço superior ás suas forças. A solução aqui deve ser: transferir essa creança ao segundo anno C, depois a B, si se manifestar capaz. Por occasião da promoção final, ella será então promovida ao terceiro C ou B, conforme o caso, enquanto os seus companheiros do primeiro A se transferirão ao segundo A, tendo aquella creança ganho um anno sobre as outras.

Muitos outros problemas poderão apparecer, mas as pessoas encarregadas da classificação devem considerar como criterio basico o seguinte: *a creança deve ser collocada na classe onde ella possa melhor encontrar suas necessidades*, considerando a oportunidade que a escola offerece e o direito das outras creanças da mesma classe.

Instituições escolares.

(AULAS DA PROFESSORA AMELIA DE CASTRO MONTEIRO)

Em aula para os assistentes technicos, a professora occupou-se do club de leitura.

Frisou que a leitura, neste club, deve ser um prazer para a creança, e caracterizar-se pela espontaneidade. Tem a vantagem de ser uma leitura natural, isto é, um processo intrinseco. O club fornece-nos o meio de verificar a leitura silenciosa, feita na bibliotheca ou em casa, e favorece o exercicio da linguagem. Ensinando, a julgar criteriosamente, a criticar e paritizar, oppondo-se, assim, ao egoismo natural das creanças. Aperfeiçoar a habilidade de ler e despertar o gosto da boa leitura, necessidade que, mais, evidentemente se faz sentir na vida adulta.

Passando a esboçar um plano de organização, a professora lembrou que é preciso evitar nas reuniões a rotina de uma longa serie de leitura, pois a monotonia gera o desprazer. Cada leitura deve ser seguida de comentario. Estabelece-se, desfrante, correlação entre a leitura e a linguagem. Contar historias é um interesse natural da creança, que devemos aproveitar para a linguagem e paritizar a leitura. Caso seja possível, é melhor ligar as duas aulas, tornando-se o periodo mais longo.

As reuniões devem realizar-se uma vez por semana e durar de meia a uma hora. O programma será organizado previamente. As creanças que tomarem parte nelle devem sentir a responsabilidade de preparar a leitura. Podem até contar como prepararam, pois que um preparo ao acaso traz resultados também accidentaes, e caso isto se dê, a professora e os collegas poderão suggerir ao tal-

inho em questão meios mais factiveis mais economicos e mais efficientes de estudar para a reunião.

O successo do club não depende de uma organização complicada. Podemos, mesmo, começar com reuniões dirigidas pela professora, escolhendo-se mais tarde a directoria, por meio de votação. O presidente da reunião designará os membros que devem ler na proxima vez. E' bom arranjar-se um quadro em que se registrem os nomes dos que já leram, mencionando-se também o que já foi lido.

Conveniente evitar que os mais adelantados monopolizem o assumpto. Os fracos precisam ser animados. O club pode ter um esboço de estatutos na sua forma mais simples, formulado pelas proprias creanças. Esses estatutos estabelecerão os fins do club e os requisitos que se exigem de seus membros; estes devem sentir-se no gozo de um privilegio, o que lhes serve de estimulo.

As creanças designadas para ler, parte no programma escolar, parte na bibliotheca da escola ou da sala, uma historia ou pagina, que preparam. No dia da sessão, ao terminar sua leitura, cada uma justifica sua escolha, explicando quaes os pontos mais interessantes. Os outros commentam o assumpto e criticam a leitura.

Critica

A professora anima e dirige a critica, que deve ser criteriosa e intelligente, para aperfeiçoar a leitura, evitando que as creanças critiquem demais e sem criterio. As creanças devem reconhecer a differença entre a critica constructiva e a critica destructiva. Devem também começar a comprehendêr que o meio de progresso é o esforço para melhorar.

Si a critica for desfavoravel, deve ser acompanhada de meios suggestivos para melhoramento.

Para que este processo seja eficaz, e preciso uma attitudie sympathica, tanto dos que fazem a critica como dos que a recebem. Tal discussao requer grande cuidado: pois tanto pode promover o desenvolvimento, como arruinarlo. A professora dar uma prova de habilidade si a souber conduzir para um fim benéfico. O programa deve ser variado e adaptado aos interesses e necessidades da classe, abrangendo historias, poesias, artigos de revistas, assumptos historicos, geograficos, ou relativos as sciencias naturaes, etc. Pode haver na sala de aulas uma lista suggestiva de livros. Estas suggestoes podem ser dadas oralmente, durante as sessões de estudos.

Pode haver um quadro durante a reuniao, com o programma, isto é, o nome dos que vão ler.

Como membro do club a professora apresentará tambem novos livros, auxiliará a formação do programma, enfim, estará sempre activa e interessada nas actividades do club.

Critério para julgar as actividades

- 1.º — É a historia um bom typo de leitura?
- 2.º — Estimula o desejo de continuar a ler?
- 3.º — Está dentro da esphera de comprehensão e experiencia das creanças?
- 4.º — Aumenta a apreciação da boa litteratura?
- 5.º — Concorré para prover a creança com os meios de aproveitamento das horas de lazer?
- 6.º — Conduz a amar os livros e a conhecer auctores e caracteres historicos?

A creança tambem deve ter o seu modelo:

- 1.º — Entender o que lê.
- 2.º — Fazer falar naturalmente as pessoas (fazer viver os personagens).
- 3.º — Ler com voz clara e agradável.
- 4.º — Pronunciar bem as palavras novas e difficeis e os nomes proprios.
- 5.º — Ficar em posição confortável e correcta.
- 6.º — Segurar o livro em posição conveniente.

Será muito interessante manter um registro dos livros, um quadro de papelão ou de cartolina, dividido de modo que cada creança tenha um espaço onde escreverá o titulo dos livros que já leu, com o nome dos auctores.

Podem tambem ser adoptados cartões individuaes guardados em caixas de registro feitas pelas próprias creanças.

A professora deve observar si ha aproveitamento não só na leitura e na linguagem mas si tambem se desenvolve o poder de organizar idéas, de se exprimir facilmente e si ha pensamento real.

Commemoração das datas nacionaes

Proseguindo no seu curso, a professora estudou a comemoração das festas escolares.

É um engano presumir que as creanças se interessam mais pelos factos correntes do que pelos passados. Lembrou a professora. O interesse parece estar no vigor da impressão e não na actualidade do facto.

Assim, podem interessar-se tanto ou mais pela primeira viagem de Colombo á America, como por um "raid" de aeroplano.

A comemoração das datas nacionaes é de grande alcance na formação do cidadão.

cunho de veracidade e não de mytho.

Estas celebrações não devem ser usadas como fins mas como meios para alcançar fins, não uma festa em si, não só os factos, mas o espirito, o alcance moral desses factos.

O programma deve conduzir a creança a melhor comprehender e apreciar seu paiz e a uma concepção mais vasta de patriotismo. Nelle podem ser incluídos: dramatizações, quadros vivos, canções, exposição de quadros, illustrativos feitos pelas creanças, etc.

Deve-se evitar tudo que estiver fóra da comprehensão da creança, assim como poesias difficeis ou discursos complicados.

A professora suggeriu, ainda, o que pode ser feito num programma commemorativo da descoberta da America:

- 1.º — Hymno por todos os alumnos; 2.º — Saudação por uma creança; por professora ou director; 3.º — Quadro vivo "Terra na nova terra"; 4.º — Narração de um episodio baseado num quadro de Colombo deante do Conselho de Salamanca; 5.º — Poesia.

A celebração de uma data civil, pode coincidir com o auditorium. Assim como este, ella favorece tambem os fins immediatos da educação, unificando a escola, despertando o gosto pelo estudo da historia, desenvolvendo a facilidade de expressão, etc.

Emfim, todas as virtudes civicas e os elevados ideaes de patriotismo devem ser inspirados nessas reuniões.

Actividades nas festas

Resumo das considerações expendidas pela professora, sobre as actividades nas festas.

Em nas férias que a criança dá livre expansão a suas tendências específicas e a suas capacidades. Empregando inteligentemente o seu tempo em um meio amplo e rico, a criança adquire o sentido das coisas e logra descobrir muitas coisas que até então não havia observado.

O que se pode fazer nas férias? Muitas coisas: colecções, brincadeiras, histórias, jardinagem, desenho. Como se vê, as férias constituem uma extraordinária oportunidade de desenvolvimento e essa oportunidade não deve ser perdida. O que a criança aprende de fora da escola é mais concreto, mais real. Dado o valor das férias, elas desenvolvem o espírito de iniciativa e de confiança em si, os dons de observação e invenção.

A iniciativa é um factor importantíssimo de desenvolvimento. Este conceito é, hoje, na educação. Basta lembrar o que se passou com Dewey, quando quiz adquirir material adequado à escola activa. Depois de correr em vão diversos armazens, disse-lhe um comerciante: "O que o sr. quer é um mobiliário especial que pertença às crianças trabalharem." Na verdade, o actual sistema de cartelas alinhadas apenas permite às crianças ouvir e não agirem. As actividades nas férias dão às crianças liberdade de acção e, por isso mesmo, iniciativa, que a escola antiga não contemplava em sua medida.

É preciso desenvolver esse espírito de iniciativa, que ainda hoje é sufocado até mesmo pela disposição e forma das cartelas: como acima se referiu. Mais: as crianças em fila têm por fim dar a professora ocasião de abrange o maior número de crianças, para lidar com ellas em massa, como si constituíssem um agregado e não fossem entidades, dignas de particular consideração.

Dando-se às crianças oportunidade de acção, desenvolve-se-lhes a individualidade, porque

deixam de constituir um todo e afirmam-se como entidades distintas: quaes as conhecimentos da escola, na família, na casa, etc. Por outro lado, a uniformidade de métodos, a cadência de programmas e de horários, etc., constroem a professora e tiram-lhe, como aos alumnos, a necessária iniciativa.

Outras utilidades dos trabalhos durante as férias:

1.º — Interesse das crianças em retornarem para a escola, para darem conta do que fizeram e experimentaram.

2.º — Readaptação mais facil dos alumnos ao ambiente escolar.

3.º — Quantidade inestimável de experiencias colhidas nos meios mais diversos, dentro da larga liberdade que se lhes dá.

4.º — Valiosa contribuição para a escola, porque evitam o esquecimento do que aprenderam, enriquecem o museu escolar, constituem prazer real para as crianças, que gostam de fazer as coisas por si e de as mostrar aos seus collegas.

5.º — Partilha do conhecimento e experiencias de uns para com os outros, o que envolve cooperação e estímulo.

6.º — Fornecem materia para discussão e lições, as quaes passarão a versar sobre um material concreto, colhido pelos proprios alumnos.

7.º — Constituem meios excellentes de se descobrirem as diferenças individualizadas, como interesses especializados, aptidões, talentos, etc.

8.º — Meio de se evitarem ferias mal gossadas, passadas em gerl em tropelias, mas companhias, depredações e vagabundagem.

9.º — Meio de se conservarem os hábitos e attitudes suggeridos e inculcados na escola.

Passando, depois a estudar os meios de estimular as actividades durante as férias, a professora faz demoradas considerações sobre os seguintes: Suggestões durante as

aulas, as quaes não se devem limitar ao estudo das sciencias naturaes, mas abranger outros campos de interesse e conhecimento das creanças: exemplos do que outras creanças fizeram em outras escolas: exposição dos trabalhos feitos, como colecções, construccões, manufacturas, etc., na entrada das aulas; incentive-os que trabalhem; desperta interesse e idéas, ensina a fazer colleções e conservalas; dá aos alumnos a consciência da cooperação na escola, sugere questões que conduzem a diferentes estudos, impõe o "espírito" de organização; as cartas, em que se traçam planos de cooperação e se ministram listas suggestivas de actividades e livros; auditorium, antes de se abrir a exposição, em que os alumnos dizem o que observaram ou experimentaram.

Frisou a professora, muito particularmente, que a condição mais importante para a eficiencia de taes actividades é que o trabalho deve ser feito pelas proprias creanças, sem intervenção predominante dos paes, que as devem apenas orientar.

O valor educativo das excursões foi o primeiro ponto abordado. Muitas professoras consideram a excursão como um passeio de consequencias desfavoraveis para as creanças, que ou veem demais, sem resultado, ou nada veem, levadas ao sabor da liberdade no campo ou nas ruas. Este perigo existe de facto, mas a professora o evitará estabelecendo previamente um plano definido para a excursão.

São vantagens das excursões:

1) Contribuem para formar o cidadão, que deve conhecer bem a localidade onde reside, para se interessar pelas suas coisas e ter a noção das suas responsabilidades dos elementos social. Nada

mais util que esse contacto do futuro cidadão com a sua comunidade. O util que o cidadão tem com a sua comunidade.

2) Satisfazem e orientam varios instintos da creança, como o instinto migratorio, o da curiosidade, da novidade, etc.

3) Offerecem oportunidade para a formação de hábitos sociais.

4) Enriquecem praticamente o estudo das diversas materias abstrahidas.

5) Favorecem as descobertas pessoais e fornecem assumptos para novas discussões, conduzindo a outras actividades utilitarias.

6) Aquecem o dom de observação.

Para se organizar uma excursão, cumpre ter em vista os seguintes principios:

1) A excursão precisa ter um objectivo definido. Ver demais não aproveita, cumprir assumptos e guardar o que se viu, tendo o cuidado de prevenir, tanto a saudades como a dissipação de interesses, a professora colherá melhores resultados educativos.

2) A excursão deve ser tão eficiente como o trabalho da classe.

3) É indispensavel o preparo previo, feito na classe, em conversas, estudos, leituras, discussões, etc. A professora indicará os pontos mais significativos a serem observados; os mais significativos e não os mais interessantes, convem frisar. Esse preparo evitará observações inuteis, fixando a atenção no que realmente deve ser considerado pelos excursionistas.

4) A excursão deve obedecer a um plano definido. A organização desse plano envolve muitas actividades favoraveis ao desenvolvimento. Elle dá maior importância a excursão. É assim que a discussão do assumpto desperta o interesse das creanças. A par-

ticipação que estas devem ter em todos os preparativos, lhes desentrevirá o espírito de iniciativa e o de organização. As creanças esbarrarão os meios de transporte que terão de utilizar-se, e formarão grupos chefiados pelos alunos auxiliares da professora.

A excursão será conduzida conforme o plano, sem o que não haverá ordem nem proveito, e até as subsequentes serão comprometidas.

5.ª) A excursão será, tanto quanto possível, relacionada com o trabalho da classe, de modo que constitua como que um prolongamento e uma illustração deste ultimo, e não um trabalho à parte.

Passando a occupar-se do campo que cada disciplina offerece a actividade escolar nas excursões, a professora salientou que as sciencias naturaes constituem um vasto manancial de pesquisas. As creanças voltarão da excursão trazendo abundante material para o museu escolar, e esse material, como se sabe, só tem valor quando preparado pelos alumnos. Poderão levar o seu caderno de notas e mesmo a sua Kodak, registrando desta maneira o que observarem de mais importante.

No dominio da educação civil, a excursão vincula, como disse, o futuro cidadão ao meio em que exercerá a sua actividade e que precisa, pois, conhecer profundamente. Far-se-ão excursões de estudo a vida commercial e industrial do municipio, as possibilidades economicas, etc. O ensino da educação civica é hoje baseado nas actividades e instituições do governo. São estas actividades que uma boa excursão põe deante do alumno, em pleno funcionamento.

Quanto a geographia, não se ignoram as vantagens da excursão. Está será organizada cuidadosamente, fazendo-se o estudo da localidade a visitar, em um supplemento de trabalho da classe.

A região será tomada como um centro de trabalho, considerando-se o tamanho da localidade, sua situação com respeito a rios e montes, com relação a outras cidades, meios de comunicação, actividades commerciaes, agricoltas, fabris, extractivas, e qual a predominante; topographia, clima, vegetação, progresso social e historia da fundação.

Terminando, a professora contou o que poudo observar na Horace Mann School, nos Estados Unidos, em que creanças de seis annos, tendo tomado parte, com o resto da classe, em uma excursão a uma fazenda, exhibiram em auditorium uma serie de quadros, fixando scenas e aspectos da mesma. O titulo de cada quadro era uma sentença imaginada pela creança, que a dictava a professora, enquanto se fazia a pintura. Esses titulos, guardados em cartões, com letras grandes, eram apresentados no auditorium, antes dos quadros respectivos, e, reunidos, constituíam um resumo escripto da excursão, de que as telas eram como o resumo cinematographico. Eil-os:

Vimos navios no Hudson.

Na barca, tudo era engraçado. Vimos lindas arvores de folhas coloridas, no caminho.

Paramos na casa de Haroldo para merendar. Dike nos deu peras de seu pomar.

O leite estava delicioso.

Chegámos a fazenda.

Vimos muitas especies de vegetaes.

Brincámos no monte de feno.

Vimos os cavallos.

Vimos as vacas, e os gansos eram bonitos!

Os gansos eram bonitos! Pareciam estar em parada.

A musica dos patos era quack, quack.

Antes de voltarmos á escola, andamos a cavallo num pomrey preto.

Viva a fazenda! Ella nos divertiu e nos dá alimento.

Merenda na escola.

A professora fez considerações sobre a nutrição, estudando de maneira nova e interessante a merenda na escola.

Accentuou que a escola deve colaborar com a familia e com as instituições publicas e particulares, na tarefa de manter o vigor natural das creanças, de impedir molestias e remediar defeitos. Deve ter sempre em vista que o espirito é tanto um escravo do corpo como seu senhor, pois as reacções mentaes são influenciadas pelas condições physicas. A efficiencia é a base desejavel, senão necessaria para o bom humor, a boa conducta e a intelligencia. Assim tambem, o que affecta o centro do systema nervoso, os orgãos dos sentidos e os aparelhos nervosos e muscular (movimento dos olhos, bocca e mãos) terá influencia directa sobre as actividades intellectuaes.

A vista disto, é dever da escola promover os meios de melhorar as condições physicas das creanças.

Ar puro, boa alimentação, asseio e somno salutar são essenciais para o progresso da saúde, isto é, do bem estar physico. O exercicio é provavelmente essencial porque collabora com os factores já mencionados.

Onde está o problema urgente de nossas escolas?

Evidentemente, na questão da alimentação, pois os outros problemas estão sendo resolvidos. E' esta uma questão que merece o maximo carinho, enthusiasmo e até mesmo esforço por parte da escola, pois da boa nutrição depende muito o vigor de um povo.

e, consequentemente, a grandeza do paiz.

Nossa alimentação é falha, descurada, absolutamente mal combinada.

A segunda lista de merendas usadas nas escolas de diferentes zonas de nosso Estado, serve para confirmar a asserção acima:

1. Salame.
2. Conservas.
3. Carne de porco.
4. Linguiça.
5. Almoço frio (em lata).
6. Farofa (com ovos, torresmos ou feijão).
7. Torresmo com farinha.
8. Pão soca (amendoim moído), com açúcar e farinha ou farinha com carne secada.
9. Mandioca (cozida, porém fria).
10. Batata doce (idem).
12. Amendoim.
13. Cocos.
14. Café.
15. Queijo curado.
16. Café com farinha.
17. Ovos cozidos.
18. Cuscus.
19. Pastéis e biscoitos frios.
20. Jacuba (farinha com assucar e rapadura).
21. Balas.
22. Rapadura.
23. Pamonha.
24. Polenta.
25. Milho verde (frio).
26. Pé de moleque.
27. Doces de tableiro.
28. Fructas silvestres: araticum, pequenarucu (goiaba), jatoba, pinhão.

Nosso problema consiste em:

1. Prover meios de alimentação para as creanças, sem recursos.
2. Ensinar como se alimenta.

Muitas de nossas escolas têm instituições beneficentes, além das caixas escolares, que protegem as creanças pobres, e lhes dão merenda.

Tratemos de aproveitar a acção dessas instituições, para melhorar a condição physica das creanças e ensinar ao povo em geral a importancia da sua alimentação.

Que pode fazer a escola nesse sentido? Estudar os alimentos na classe e conquistar a collaboração dos paes na merenda, principalmente por meio da "Associação das Mães de Familia". Essa pode

orientar as creanças e os pais, procurando todos os meios de im-
pressional-os nessa questão de ali-
mentação, usando gravuras, mode-
los de dietas, etc., si for possí-
vel, fazendo experiências com
animaes.

Na classe, a merenda pode ser
vir de início ao estudo dos ali-
mentos.

Durante a discussão, estas e ou-
tras perguntas surgirão: Que de-
vemos trazer para merenda?
Quanto tempo precisamos para
merendar? Por que certos alimen-
tos são melhores para nós do que
outros? Que alimentos crus pode-
mos comer e como devem ser pre-
parados?

Este estudo despertará o intere-
se pela boa alimentação e provo-
ca a aplicação e o estudo de ou-
tras matérias, como: arithmética
(avaliação do peso e quantidade;
preço dos alimentos); geo-
graphia (sua proveniência); sci-
ências naturaes (composição e
preparação dos alimentos); escripta
e leitura (formação de planos e
leitura de livros).

O leite, por exemplo, fornece
margem para estudos muito inte-
ressantes, quanto a suas proprie-
dades nutritivas, quantidade ne-
cessaria a cada creança, cuidados
hygienicos que requer, provenien-
cia, productos, etc.

As escolas devem fazer uma
propaganda cerrada a favor do
leite, como alimento, excellente
para a creança no período de des-
envolvimento.

Será de grande vantagem que
as creanças aprendam mesmo a
preparar certos alimentos simples
na escola, como sejam: mingaus,
geleas, compota, sopas, batata as-
sada, doce de leite, manteiga, etc.,
que serão usados na merenda.
Aqui ainda, ellas terão occasião
de applicar os conhecimentos ad-
quiridos e desenvolver qualida-
des como a iniciativa, fazendo
compras, calculando preços, quan-
tidades, tendo e formulando re-
cetas, etc.

Toda escola pode ter um fogão,
reito, ou melhor, um fogão, que
si não for electrico, pode ser o
de barro.

A escola deve manter essa pe-
quena cozinha para fornecer uma
merenda mais nutritiva ás crean-
ças pobres e até mesmo ás que
puderem pagar. Esta merenda po-
de, consistir de mingaus, leite, oc-
casionalmente, cacau, creme, so-
pas, etc. Podem ser aproveitados
os vegetaes, plantados pelos alu-
mnos na hora da escola.

Além disso, neste trabalho, como no
de propaganda de alimentação, a
Associação das Mães de Família
pode prestar um auxilio valiosis-
simo. As senhoras dessa Associa-
ção podem se encarregar de ad-
ministrar a cozinha, angariar do-
nações, si a caixa escolar não
suportar as despesas, enfim,
procurar todos os meios possíveis
de melhorar as condições de ali-
mentação das creanças.

Os planos para fornecimento de
merenda variam conforme as
condições da localidade, e outros
podem ser ditados pela experi-
ência, boa vontade, iniciativa
do director e das professoras.
O plano de merenda da escola
deberia ser elaborado por um
comitê de trabalho, formado por
um representante da Associação
das Mães de Família, um repre-
sentante da escola e um repre-
sentante da comunidade.

Historia da educação

(CONFERENCIA DO DR. MARIO CASASANTA)

O sr. dr. Mario Casasanta, in-
specto geral da Instrução, estu-
dou a vida e a obra de Pestalozzi.
No estadal, tomou como plano
o epitaphio que se lhe gravou no
monumento erigido em Bern pela
devocão do cantão de Argovia.

"Aqui jaz Henrique Pestalozzi
nascido em Zurich, aos 12 de ja-
neiro de 1746, morto em Brug,
aos 17 de fevereiro de 1827, sal-
vador dos pobres em Neuho, pre-
gador do povo em Leonardo, e
gentilidade, pai dos orphãos, pai

Stanz, fundador da nova escola
popular em Berthoud, e em Mün-
chebuche, educador da humi-
lidade em Yverdon; homem
christão, cidadão; tudo, para os
outros, nada para si. Bemdito seja
o seu nome!

Accentiua, que orphão de 12
aos 11 annos, teve Pestalozzi
ser educado por sua mãe, de qua
resultaram os seus grandes de-
feitos e as suas grandes virtudes.
Deitos: imprevidencia, falta
de senso pratico, sentimentalismo,
puerilidade.

Virtudes: amor ao genero hu-
mano, abnegação infinita, feiti-
ço da cidade, aie segua um curso
profissional. Começou pela theo-
logia, mudou para a jurispruden-
cia e, finalmente, para a agricul-
tura. Impressionado pela leitura
de Rousseau, largou dos livros e
foi fer com um lavrador, que lhe
ensinaria praticamente os proce-
sos agricolas.

Comrou um tracto estéril de
terra, onde se lhe mallograram as
esperanças de agricultor e, com
elles, o patrimonio que lhe ad-
viera do casamento, com Anna
Shuflers, figura admiravel de es-
tímulo, pela intelligencia e pelo sen-
timento.

Reduzido á pobreza, funda uma
escola para os mendigos, que tam-
bem mallogrou. Acolhe em Stanz
os orphãos estarrapados, que a
invasão franceza lançou ao aban-
dono. Toda a sua aspiração con-
vergia em servir-lhes de pai, mãe,
irmão e creado.

Posteriormente, dirige uma es-
cola em Berthoud, onde andou
amargurado pelas exigencias re-
gulamentares, e contemporanea-
mente, um instituto particular.
Tenta em Münchebuche outra
organização escolar. Final monta
o seu estabelecimento de Yverdon,
que lhe enche os ultimos vinte an-
nos de vida.

Passou pela maior pobreza, foi
cortado pelos maiores revezes.
Durante todas essas passagens
amargas, em que por vezes o des-

alento tomou proporções formidá-
veis, escreveu varias obras sobre
educação, dentre as quaes sobre-
sae *Leonardo e Gertrudes*, que
causou sensação no mundo.

Teve o desprezo e o applauso
dos maiores homens. Si Napo-
leão se negou a tratar com elle
acerca do abc, dizendo que não
tinha tempo a perder, o philóso-
pho Maine de Biran, prefeito de
um departamento, chamou um de
seus discipulos e funda escolas,
consoante os seus principios.

Quanto a face, pouco attente
scientifico e litterario, a sua obra
escripta nada offerece de notavel.
Era irregular, mais imaginação do
que razão, mais imaginação e
rações do que pensamento.

A sua maior obra foi a de sua
palavra constantemente chorosa e
a sua acção ininterrupta.

Esses principios mais valio-
sos que desenvolve e põe em pra-
tica, como nenhum outro pedagogo,
que a educação deve ser an-
tes de tudo, humana, isto é, for-
mar um homem, com a plena ex-
pansão de suas faculdades; que a
educação deve pretender desen-
volver o espirito e não apenas
mobilis-o de informações; que o
essencial não é a instrução, a
erudição, a palavragem, mas a as-
similação mental; que no ensino
devem propor-se, em primeiro lo-
gar, as coisas e depois as pala-
vras; que se deve partir do conhe-
cido para o desconhecido; que
não se deve precipitar o appare-
cimento da abstracção nas crean-
ças, mas fazel-as observar as coi-
sas, e os factos, sem preoccupa-
ção de inducção, que surgirá na-
turalmente; que a actividade das
creanças deve ser aproveitada,
como o melhor meio de apre-
nder.

O conferencista abordou pontos
interessantes em redor da figura
de Pestalozzi, como a importan-
cia da educação materna, os de-
feitos dessa educação, a influen-
cia que teve em Pestalozzi, como
em Amiciis, a educação dos filhos,
o meio social em que elle viveu